

# RESILIÊNCIA: UM ARTIFÍCIO PARA SUPERAÇÃO DA TRANSMISSÃO TRANSGERACIONAL DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR

Resilience: an artifice to overcome the transgenerational transmission of Family violence

Carla Fabiana Lima Pereira  
Geovane Lafaiete Rodrigues dos Santos  
Jaqueline de Cássia Souza Moreira  
Priscila de Faria Galvão  
Silvia Lucena de Vasconcelos  
Suelen Silva Aguiar

## RESUMO

A violência pode ser compreendida como o uso intencional da agressividade com o propósito de gerar danos. É tirar do outro, sua característica de sujeito, o impondo a condição de objeto. No âmbito familiar a violência pode ser expressa de diversas formas, seja ela física, psicológica, sexual, de negligência ou abandono. Acredita-se que a violência intrafamiliar pode ter origem na transgeracionalidade, onde um sujeito aprende tais atos com a geração passada e a transmitirá para a próxima geração. Eis que a resiliência emerge enquanto um artifício para superação dessa transmissão transgeracional.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência familiar, transgeracionalidade, resiliência.

## ABSTRACT

Violence can be understood as the intentional use of aggressiveness for the purpose of generating harm. It is to take from the other its characteristic of the subject, imposing the condition of the object. In the family context, violence can be expressed in various ways, be it physical, psychological, sexual, neglect or abandonment. It is believed that intrafamily violence may originate in transgenerationality, where a subject learns such acts from the past generation and will transfer it to the next generation. Behold, resilience emerges as a device for overcoming this transgenerational transmission.

**KEYWORDS:** resilience, family violence, transgenerationality.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade discorrer a respeito da resiliência como um fator que proporciona a superação da transmissão transgeracional da violência intrafamiliar. Ao compreender a família como um sistema interacional de desenvolvimento humano, Batista e Teodoro (2012), afirmam que deve-se preocupar quando a mesma deixa de ser um lugar de

proteção e favorecimento para o desenvolvimento saudável de seus membros. Inferindo que muitas pessoas são vítimas de violência dentro de suas próprias casas, compete à sociedade como um todo, e especificamente aos profissionais da saúde, encontrarem meios para lidar com o problema da violência intrafamiliar.

A violência intrafamiliar, conforme Batista e Teodoro (2012), trata-se de todo tipo de violência, ação ou omissão gerada por um ou mais membros do grupo familiar que causa danos ao desenvolvimento de outros membros do grupo, sejam esses danos de natureza física, psicológica, sexual ou por negligência.

Para os autores supracitados, a transmissão transgeracional trata-se da passagem de uma geração a outra em termos de rituais, legados e tradições, podendo ser essa transmissão consciente ou inconsciente, dando continuidade à identidade de uma família através de um legado de mitos e ritos. O desenvolvimento da transmissão transgeracional pode ser pela via da estrutura psíquica, da modelagem e da cultura, tanto individual, quanto socialização coletiva, levando em consideração uma perspectiva global, já que os indivíduos se inserem em diversos contextos sociais.

Durante esse processo da transmissão pode haver repetições, como no caso de crianças que tendem a imitar o comportamento de adultos que eles têm como modelo e que, posteriormente, passam a selecionar quais repetir, resultando em modificações na herança geracional.

Batista e Teodoro (2012), afirmam que os indivíduos que desenvolvem a habilidade de lidar melhor com as adversidades, adquirem a capacidade de serem mais resilientes diante das situações no contexto de violência familiar. Pois, na resiliência o indivíduo utiliza sua força interior para se recuperar e adaptar-se às novas situações.

De acordo com Zimmerman e Arunkumar (1994), os indivíduos que possuem a capacidade de serem resilientes, não são imunes a vivenciarem situações adversas em suas vidas, nem mesmo passam por essas situações sem terem nenhum impacto, mas sim, lidam de forma mais saudável com elas, resistindo a elas, superando-as e saindo modificados.

Portanto, o que se busca com o presente trabalho é explanar sobre a importância exercida pela resiliência como um artifício para a superação transgeracional da violência intrafamiliar e posteriormente, divulgar as informações coletadas para a população da cidade de Pará de Minas, de forma a fornecer auxílio àquelas pessoas e conseqüentemente suas famílias, que vivenciam ou

lidam com tal situação, fazendo com que reflitam sobre o perpetuamento de eventuais condutas, suas consequências e como podem lidar melhor com essa transmissão ou até mesmo interrompê-la.

## **2 VIOLÊNCIA**

Quando se fala de violência, é importante atentar que cada sociedade em diferentes partes do planeta e épocas, criaram seus conceitos de violência. Conforme ressalta Chauí (2000), não existe somente uma única forma de classificação do que é violência, mas existem algumas similaridades entre essas definições.

Fundamentalmente, a violência é percebida como exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, contrária aos seus interesses e desejos, contrária ao seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a auto-agressão ou a agressão aos outros (CHAUÍ, 2000 p. 432).

Conforme mencionado anteriormente por Chauí (2000), a violência é a transgressão psíquica e física da integridade de alguém. A humanidade dos humanos é definida pela capacidade de serem racionais, portadores de livre arbítrio, de se comunicar e viver em sociedade, de interagir com a natureza e o tempo, definindo assim sujeitos de conhecimentos e ações. Sendo assim, qualquer coisa que retire das pessoas essas condições de sujeito, transformando-os em objeto, é caracterizado como violência. A violência acontece em vários âmbitos e lugares, desde a sociedade como um todo, até o meio familiar.

A partir da visão de Bock, Furtado e Teixeira (2017), faz-se necessário diferenciar a agressão da violência. Para os autores a agressão é intrínseca ao ser humano e constituinte da vida psíquica do sujeito, fazendo parte do binômio amor/ódio, pulsão de vida/pulsão de morte. Ela pode ser caracterizada por um impulso que pode se direcionar para fora (heteroagressão), ou para si próprio (autoagressão). Suas manifestações podem se dar em pensamentos, ações verbais e não verbais.

Desde muito cedo é ensinado ao sujeito formas socialmente aceitas de manifestar a agressividade, podendo esta ser direcionada para produções consideradas positivas como a produção intelectual, a produção artística ou o desempenho esportivo (Bock, Furtado e Teixeira, 2017).

Enquanto isso a violência, conforme afirma Bock, Furtado e Teixeira (2017), é referente ao uso desejado da agressividade, com fins destrutivos. Ela pode ser voluntária, ou seja, possuir

uma intenção; racional, em que os atos são premeditados e com uso “adequado” da agressividade; e consciente. Entretanto, a violência pode também ser involuntária, irracional e inconsciente (Bock, Furtado e Teixeira, 2017).

Apesar de na contemporaneidade ser perceptível a formação e consolidação dos novos arranjos familiares, constituintes de profundas transformações na estrutura e dinâmica da família, ainda prevalece na sociedade um ideal de modelo familiar. Bock, Furtado e Teixeira (2017) afirmam que este modelo, que tem sido cada vez mais questionado, tem por característica a autoridade paterna e a submissão dos filhos e da mulher a essa autoridade, além da repressão da sexualidade, principalmente a feminina.

Por mais que essa autoridade e repressão apareçam enquanto formas protetoras dos membros da família, Bock, Furtado e Teixeira (2017), questionam se realmente essa imagem cumpre a função de proteção, ou emerge como uma maneira de encobrir “práticas de violência sobre o uso do corpo da mulher, bem como acaba justificando os castigos físicos na educação dos filhos, perpetrados tanto pelo homem como pela mulher — o pai ou a mãe.” (Bock, Furtado e Teixeira, 2017, p. 442).

A família, instituição social incumbida de garantir o cuidado e a proteção de seus membros, acaba muitas vezes sendo o meio promotor de diversas violências, sejam elas físicas, psicológicas, sexuais, ou até mesmo quanto ao abandono e negligência, condições que comprometem o desenvolvimento saudável do sujeito, principalmente no que se refere a crianças e adolescentes (Bock, Furtado e Teixeira, 2017).

### **3 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E TRANSGERACIONALIDADE**

Segundo Corrêa (2000), os integrantes de uma família, encontram-se ligados através de laços afetivos transmitidos psiquicamente com o passar dos anos, transportando assim, aspectos inconscientes. Dessa forma, a criança ao nascer, não herda somente traços genéticos dos pais, mas também possui uma herança psíquica, onde construirá sua identidade através das identificações com essas primeiras relações que são sua própria família e futuramente com grupos externos, a sociedade em geral. É na família que as crianças desenvolvem seus modelos de identificação (processo de individuação), aprendendo o que é ser pai, mãe, marido, esposa e cidadão.

Observa-se, portanto, a importância de se estudar e entender a transgeracionalidade. De

acordo com Sei e Gomes (2007), a transgeracionalidade trata-se de uma transmissão psíquica que passa de uma geração a outra, um legado transmitido pelos antepassados, constituindo-se e mantendo-se presente nos costumes e tradições de uma família. São condutas familiares, que podem desenvolver uma forma de pensar, nomear e elaborar sentimentos, experiências e traumas, causando um processo de repetição através das gerações. Tal processo de transmissão, pode conter aspectos positivos e negativos. Um dos aspectos negativos, é a violência familiar. Ela é um dos aspectos psíquicos transmitidos, sendo um fenômeno grave nesse processo que se repete através das gerações, podendo causar graves consequências no contexto emocional e físico dos indivíduos envolvidos, trazendo muito sofrimento para o grupo familiar.

Segundo Koller e Antoni (2004), a violência familiar, como o próprio termo já denomina, ocorre dentro do ambiente familiar e foi considerada por muito tempo um problema privado, sendo que a intitulação “violência doméstica”, já mostra por si, a condição mais íntima na qual a violência familiar era vista. Os mesmos autores, pontuam que as situações de violência, são traumáticas para aqueles que a vivenciam, podendo posteriormente, se configurarem psiquicamente no plano negativo, transmitidos de maneira não elaborada, reproduzindo-se assim através das gerações.

Reforçando esse ponto de vista, Pereira (2005), constata que as crianças que viveram em contextos nos quais a violência está presente, tendem a acreditar que essa é a única forma de socialização, repetindo os padrões aprendidos na vida adulta e contribuindo assim, para a manutenção da violência através das gerações. Ainda que se possa supor que os pais não desejariam que os filhos sofressem o mesmo tipo de violência que vivenciaram na infância, a força do legado transgeracional, com frequência, impulsiona a repetição do padrão aprendido, e consequentemente a repetição de comportamentos.

O processo de transmissão transgeracional pode ser articulado pela via da estrutura psíquica, da modelagem e da cultura. Portanto, a transgeracionalidade é entendida como a travessia de uma geração a outra em termos de rituais, legados e tradições, sendo que essa transmissão pode ser consciente e inconsciente. Ela propicia a continuidade da identidade de uma família através de um legado de mitos e ritos e pode ser considerada com um grande fator a ser observado, ao que se refere a compreensão do fenômeno de violência familiar, uma vez que se constata uma forte tendência a transmissão das situações de abuso em uma mesma família.

## 4 RESILIÊNCIA

Yunes (2003), aponta que o conceito de resiliência no campo da psicologia é considerado um construto por sua complexidade de definição. Inicialmente, em seu desenvolvimento, o conceito foi fortemente associado aos termos de invulnerabilidade e invencibilidade, proporcionando principalmente a compreensão de que há pessoas imunes a qualquer tipo de sofrimento, independentemente de sua intensidade e contexto (Yunes, 2003).

A partir dessa associação, algumas críticas e discussões foram despertadas e novas possibilidades de compreensão surgiram (Yunes, 2003). Uma dessas, define resiliência como a “habilidade de superar adversidades, o que não significa que o indivíduo saia da crise ileso, como implica o termo invulnerabilidade” (ZIMMERMAN; ARUNKUMAR, 1994, p. 4).

Ainda em relação aos aspectos individuais e constitucionais da resiliência tem-se que a “Resiliência é uma capacidade universal que permite que uma pessoa, grupo ou comunidade previna, minimize ou supere os efeitos nocivos das adversidades” (GROTBERG, 1995, p. 7).

A partir destas constatações, temos que todos os indivíduos passarão e serão afetados em alguma medida pelas adversidades, não sendo imunes a elas e que todos nós por apresentarmos a característica universal da resiliência, seremos mais ou menos resilientes diante das situações, de forma subjetiva, mesmo compartilhando das mesmas condições.

De acordo com Antonovsky e Sourani (1988), numa perspectiva familiar, pensar a resiliência é tirar o foco das problemáticas familiares como possíveis problemas de relacionamento e condições de riscos que possam ter, para enfatizar os aspectos saudáveis do contexto familiar.

Nesse sentido, McCubbin e McCubbin (1988), ao elaborarem a teoria da “Tipologia de Famílias Resilientes”, trazem que as famílias consideradas resilientes são aquelas que passam por momentos difíceis e intensos, mas conseguem se reorganizar diante da situação.

Para Walsh (1996), um dos efeitos proporcionados nas famílias resilientes é fazer com que saiam da situação adversa mais fortes, independentemente se o fator eliciador da situação é interno ou externo a ela.

Ainda seguindo a perspectiva familiar, Hawley e Dehann (1996), definem o conceitos de resiliência como:

Resiliência em família descreve a trajetória da família no sentido de sua adaptação e prosperidade diante de situações de estresse, tanto no presente como ao longo do tempo.

Famílias resilientes respondem positivamente a estas condições de uma maneira singular, dependendo do contexto, do nível de desenvolvimento, da interação resultante da combinação entre fatores de risco, de proteção e de esquemas compartilhados (HAWLEY; DEHANN 1996, p.293).

A partir dessa definição, observa-se que as características individuais apresentadas por cada indivíduo, ganham uma roupagem sistêmica ao se considerar o contexto familiar (Hawley; Dehann 1996).

Essas características, de acordo com Werner (1993), giram em torno da crença apresentada pelos indivíduos de que tudo irá dar certo, relações familiares satisfatórias e da presença de redes de apoio sociais e comunitárias.

Walsh (1998), fazendo uma análise crítica e sistêmica das tentativas de explicação da resiliência na família, desenvolve a concepção de “funcionamento familiar efetivo”, na qual denomina alguns processos-chaves, sendo esses: Sistema de Crenças que é considerado pela autora como o coração e a alma da resiliência e engloba atribuir sentido à adversidade, ter um olhar positivo e também a transcendência e a espiritualidade; Padrões de Organização, que envolve a flexibilidade, coesão, recursos sociais e econômicos e Processos de Comunicação, que diz da clareza, expressões emocionais abertas e da colaboração na solução de problemas.

## **5 METODOLOGIA**

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura e seus resultados apresentados recebem o formato de um resumo estendido.

Como forma de levar a população de Pará de Minas os conhecimentos acerca da transgeracionalidade da violência intrafamiliar e a resiliência enquanto um artifício para sua superação, o grupo desenvolveu panfletos informativos que foram apresentados pelos alunos nas salas de aulas de todos os períodos do curso de psicologia da Faculdade de Pará de Minas (FAPAM) e fixados nos murais de avisos de cada sala. A divulgação ocorreu através da ida às salas de aula, pelos alunos do nono período, integrantes deste grupo e o convite para assistirem a amostra foi realizado verbalmente. Fizemos uma breve apresentação do que se trata a pesquisa e os convidamos para assistir nossa apresentação no dia quatorze de junho de dois mil e vinte e dois.

Ao todo foram impressos cinquenta panfletos com a intenção de alcançar o máximo de pontos possíveis da instituição e assim propagar as informações estudadas a um número mais

amplo de pessoas, de forma que estas levem tais informações até suas famílias. No entanto, no decorrer das apresentações, tivemos que restringir apenas às turmas de alunos da psicologia, pois a faculdade este semestre está com um número muito alto de alunos e a nossa sala trinta e três não comportaria este número.

A escolha desse local para divulgação se deve a diversidade de seu público, havendo pessoas de singulares ambientes sociais, culturais, crenças, condições financeiras e inclinações profissionais.

Nos panfletos, consta-se os títulos dos trabalhos, uma breve contextualização das temáticas, data do evento, o nome e período dos integrantes. Os registros da divulgação, por sua vez, foram feitos através de fotos, que encontram-se em anexo no final deste trabalho.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa forma, pode-se perceber os inúmeros prejuízos que são gerados para as pessoas que sofrem de violência em seus contextos familiares, prejudicando seu desenvolvimento a curto e longo prazo. É na família que elas desenvolvem modelos de identificação, apresentando o que é ser pai, mãe e cidadão, o seu ser-no-mundo. Grande parte desta violência que ocorre dentro dos contextos familiares, são advindas da transgeracionalidade. E buscar interromper esta transmissão psíquica de aspectos negativos, como a violência, é um caminho longo e contínuo, mas possível. Adquirir habilidades para superar adversidades através de um comportamento de resiliência, é um dos caminhos para evitar essa repetição de padrões, muito em especial aos relacionados a violência familiar.

A partir do exposto pode-se afirmar que a resiliência se configura enquanto um dos artifícios para superar a transmissão transgeracional. Entretanto, é preciso enfatizar que outros mecanismos podem também prestar auxílio para ultrapassar tal fenômeno como o empoderamento feminino, as redes de apoio psicossociais, o acompanhamento psicoterapêutico e a criação de políticas públicas de proteção à família, à mulher, e às crianças e adolescentes. Tendo em vista a possibilidade de contato com novos modelos de identificação, pode auxiliar na construção de laços afetivos mais seguros do que os vivenciados com os pais na família de origem. Experimentar novos vínculos saudáveis com pessoas significativas, pode ser um importante tutor de resiliência.

## 7 REFERÊNCIAS

ANTONOVSKY, Aaron; SOURANI, Talma. Family sense of coherence and family adaptation. **Journal of Marriage and the Family**, p. 79-92, 1988.

BAPTISTA, Maklilim; TEODORO, Maycoln. **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. São Paulo: Artmed, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologias**. 14.ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 432-433.

FALCKE, D.; ROSA, LW da; MADALENA, M. Violência familiar: Rompendo o ciclo transgeracional e seguindo em frente. *Psicologia de família—Teoria, avaliação e intervenção*, 2012, 127-136.

GROTBERG, Edith H. A Guide to Promoting Resilience in Children: Strengthening the Human Spirit= Guia de Promocion de la Resiliencia en los Ninos para Fortalecer el Espiritu Humano. 1995.

HAWLEY, Dale R.; DEHAAN, Laura. Toward a definition of family resilience: Integrating life- span and family perspectives. **Family process**, v. 35, n. 3, p. 283-298, 1996.

MCCUBBIN, Hamilton I.; MCCUBBIN, Marilyn A. Typologies of resilient families: Emerging roles of social class and ethnicity. **Family relations**, p. 247-254, 1988.

RAZERA, Josiane; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; FALCKE, Denise. Violência Doméstica e Transgeracionalidade: Um Estudo de Caso. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 6, n. 1, p. 47-51, Jan.-Jun, 2014.

REHBEIN, Mauro Pioli; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, 2013, 25.3: 563-583.

SEI, Maíra Bonafé; GOMES, Isabel Cristina: Violência Familiar Transgeracional e a Arte Terapia com Famílias: aproximações. **Encontro Revista de Psicologia**, v.XI, n. 16, p. 133-139, 2007.

WALSH, Froma. The concept of family resilience: Crisis and challenge. **Family process**, v. 35, n. 3, p. 261-281, 1996.

WALSH, Froma. (1998) Strengthening family resilience. New York; London: The Guilford Press.

WERNER, E. E. e SMITH, R. S. (1982) Vulnerable but invincible: a longitudinal study of resilient children and youth. New York: McGraw-Hill,. Werner E. E.& Smith, R. S

WERNER, Emmy E. Risk, resilience, and recovery: Perspectives from the Kauai Longitudinal Study. **Development and psychopathology**, v. 5, n. 4, p. 503-515, 1993.

YUNES, Maria Ângela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 75-84, 2003.

ZIMMERMAN, Marc A.; ARUNKUMAR, Revathy. Resiliency research: Implications for schools and policy. **Social policy report**, v. 8, n. 4, p. 1-20, 1994.